

Acção C313. Promover Oficinas de Leitura no EB – 2º e 3º Ciclos  
Trabalho autónomo  
Formanda: Maria do carmo Martins

## O HOMEM E AS VIAGENS

O homem bicho da terra tão pequeno  
Chateia-se na Terra  
Lugar de muita miséria e pouca diversão,  
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
Toca para a Lua  
Desce cauteloso na Lua  
Pisa na Lua  
Planta bandeirola na Lua  
**Experimenta** a Lua  
**Coloniza** a Lua  
**Civiliza** a Lua  
**Humaniza** a Lua

**Lua humanizada: tão igual à Terra.**  
O homem chateia-se na Lua.

Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte  
Pisa em Marte  
Experimenta  
Coloniza  
Civiliza  
**Humaniza Marte com engenho e arte.**

Marte humanizado, que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?  
Claro – diz o engenho  
Sofisticado e dócil.  
Vamos a Vénus.  
O homem põe o pé em Vénus,  
Vê o visto – é isto?  
idem  
idem  
idem

O homem funde a cuca se não for a Júpiter  
proclamar justiça junto com injustiça  
repetir a fossa

repetir o inquieto  
repetitório.

Outros planetas restam para outras colónias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para te ver?  
Não vê que ele inventa  
roupa insidervel de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
mas que chato é o **Sol**, falso touro  
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora  
Do solar a col-  
onizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
( estará equipado?)Carlos  
a difícilima dangerosíssima **viagem**  
**de si a si mesmo:**  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar  
civilizar  
**humanizar**  
**o homem**  
**descobrimdo em suas próprias inexploradas entranhas**  
**a perene, insuspeitada alegria**  
**de com-viver.**

Carlos Drummond de Andrade  
*Obra Poética - 4º Volume*

### 1º : Pré -leitura

Questionar o papel da viagem na vida das pessoas ; possíveis respostas :  
abertura para o mundo; quebra da monotonia/rotina; conhecimento; libertação;  
sonho; promoção social ( e aproveitar-se-iam todas as respostas dos alunos)

### 2º : Leitura silenciosa

### 3º : Leitura analítica

- Explorar : - o homem bicho / bicho animal; homem bicho selvagem/ fechado
- os verbos: experimentar (curiosidade); colonizar/domar  
(apropriação/formatação); civilizar; **humanizar** .

1ª estrofe – Lua humanizada

2ª estrofe – Lua humanizada = terra (homem insatisfeito)

3ª estrofe – Marte humanizado ( com engenho e arte)

4ª estrofe – A viagem prossegue para Vénus

5ª estrofe – A insatisfação continua – procura de Júpiter

6ª estrofe – Põe o pé no sol que compara a um falso touro espanhol domado

Última estrofe – A viagem mais importante do homem não será explorar o mundo, o universo, o exterior, mas explorar-se, descobrir-se a si próprio e descobrir a importância da partilha, da solidariedade, a alegria de con-viver.

**4º : Leitura expressiva**

**5º : Pós-leitura :** Entre outras possibilidades, como por exemplo, formar campos semânticos e lexicais a partir das palavras-chave (viagem; humaizar; descobrir), seria interessante aproveitar este texto como uma forma de clarificação e julgamento de valores.

1. Os parágrafos do texto que se segue apresentam-se desordenados. Coloque-os por ordem, escrevendo os números respectivos em cada um dos quadrados vazios<sup>1</sup>.

### O galo vaidoso

- 1 Era uma vez, um galo vaidoso, vaidoso todos eles o são, é certo, mas este ... era demais. Achava-se superior aos outros em tudo: melhor plumagem, melhor crista, melhor bico, melhor voz, melhor cauda, melhor trato...
- Um dia, o galo vaidoso, ao passear-se por aí, encontrou umas botas perdidas e em bom estado.
- E, quando caminhava na rua, era vê-lo: todo emproado, julgava-se um autêntico pavão das Índias. Com o seu ar altivo, cortejava as galinhas como se fosse um privilégio para elas merecerem a sua atenção. E para todos os mimos. Passava, por isso, o tempo a escarnecer deles. Estes, por sua vez, olhavam-no com a maior indiferença, conscientes de que nada ele tinha que eles não tivessem também.
- Quem teria deixado aqui estas botas, que tão bonitas e novas são ainda? – questionou-se, maravilhado com tal achado.
- Nisto, um canzarrão, medonho, de dentuças afiadas, saltou de uma esquina e lançou-se atrás da frangalhada que andava na rua.
- Ora, como as achasse suficientemente belas e novas para os seus padrões de altivez, e, porque usá-las lhe permitia notabilizar-se ainda mais junto dos outros galos, o vaidoso não hesitou em calçá-las. E, cheio de importância, tanta como lho permitia a sua fantasia, lá seguiu caminho, arrastando (a custo, já se vê) agora uma pata depois a outra...
- E para que haveríamos de querer nós umas botas? – reagiam, indiferentes, os demais.
- O que vós não dareis para usar assim umas botas!... – pavoneava-se junto dos outros galos.
- Inveja! É só inveja! – insistia o galo vaidoso, enquanto, cada vez mais cansado, arrastava as patas, teimosamente.
- 10 Todos os galos e galinhas desataram a correr e escaparam. O galo das botas, esse, a levantar agora uma pata, depois a outra, não teve a mesma sorte. Foi o único a ser alcançado pelo cão, que lhe ferrou os dentes e o depenou quase todo.

(baseado no original de Alexandre Parafita, *Chovia ouro no bosque*)

2. Reconstitua este texto, ordenando as sequências apresentadas em desordem. Escreva nos quadrados vazios os números referentes à ordem lógica dos parágrafos<sup>1</sup>.

### A lenda de Timor

- 1 Conta a lenda que, há muito muito tempo, um crocodilo já muito velhinho vivia numa ilha da Indonésia chamada Celebes.
- Como era muito velho, este crocodilo já não tinha forças para apanhar peixes, por isso estava quase a morrer de fome.
- Como andou muito e não comeu nada, ficou sem forças para regressar à água.
- Certo dia, resolveu entrar terra adentro à procura de algum animal que lhe servisse de alimento. Andou, andou, andou, mas não conseguiu encontrar nada para comer.
- O crocodilo ficou-lhe muito agradecido e, em paga, disse ao rapaz que fosse ter com ele sempre que quisesse ir passear pelas águas do rio ou do mar.
- Um rapaz ia a passar e encontrou o crocodilo exausto. Teve pena dele e ofereceu-se para o ajudar a voltar. Então, pegou-lhe pela cauda e arrastou-o de volta à água.
- O rapaz aceitou a oferta e, a partir daquele dia, muitas foram as viagens que os dois amigos fizeram juntos.
- Antes de tomar esta decisão, perguntou aos outros animais o que achavam da ideia. Todos lhe disseram que era muito ingrato da parte dele querer comer o rapaz que o tinha salvo.
- O crocodilo percebeu que estava a ser muito injusto e ficou com muitos remorsos. Então, resolveu partir para longe, para esconder a vergonha.
- Cresceu tanto que ficou do tamanho de uma ilha. O rapaz, que viajava no seu dorso, passou a ser o primeiro habitante daquela ilha em forma de crocodilo.
- A amizade entre os dois era cada vez maior, mas, um dia, a fome foi mais forte e o crocodilo pensou que comer o rapaz era a melhor solução.
- Como o rapaz era o seu único amigo, pediu-lhe que fosse com ele. O rapaz saltou para o dorso do crocodilo e deixou-se guiar pelo mar fora.
- A viagem já ia longa quando o crocodilo começou a sentir-se cansado. Já exausto, resolveu parar para descansar, mas, naquele momento, o seu corpo começou a crescer e a transformar-se em pedra e terra.
- 14 E assim nasceu a ilha de Timor.

1. O gato caiu ao poço  
E as tripas ficaram lá  
Gira o copo, copo, copo,  
Gira o copo, copo cá.

O gato caiu ao poço  
E as tripas ficaram lá.  
Baralhoco, copo, copo  
Baralhoco copo cá.

O gato caiu ao poço.  
Um dó lí tá.

2. A pia perto do pinto,  
o pinto perto da pia.  
Quanto mais a pia pinga  
mais o pinto pia.

A pia pinga,  
o pinto pia,  
pinga a pia,  
pia o pinto.

O pinto perto da piã,  
a pia perto do pinto.

3. Era uma vez  
Um caçador  
Furunfunfor  
Triunfunfor  
Misericuntor.

E foi à caça  
Furunfunfaça  
Triunfunfaça  
Misericuntaça.

E caçou um coelho  
Furunfunfelho  
Triunfunfelho  
Misericuntelho.

E levou-o a uma velha  
Furunfunfelha  
Triunfunfelha  
Misericuntelha

no espaço por vassourar  
enquanto a Dona Senhora:  
(autoritarismo) – Não quero vê-la parar!

Uma vassoura vassoura  
vassourinha vassoureia,  
enquanto a Dona Senhora:  
(desprezo) – E não me faça poeira!

Uma vassoura vassoura  
vassoura vassoureante,  
enquanto a Dona Senhora:  
(ameaça) – Olhe que estou vigilante!

Uma vassoura vassoura  
vassoura vassouramente,  
enquanto a Dona Senhora:  
(irritação) – Quero-a mais persistente!

Uma vassoura vassoura  
vassoura vassoreando,  
enquanto a Dona Senhora:  
(autoritarismo) – E faça sempre o que eu mando!

Uma vassoura vassoura  
vassoura de bom varrer,  
enquanto a Dona Senhora:  
(ameaça) – Olhe que estou a ver!

Uma vassoura vassoura  
de palha triste, cansada,  
enquanto a Dona Senhora:  
(autoritarismo) – E seja mais despachada!

António Torrado, *Vassourinha*